

**Fragments sobre os “fatos de sinonímia” nos *Escritos de Linguística Geral***  
**Fragments about the “synonymy facts” in *General Linguistics Writings***

Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN/PPgEL)  
Felipe Morais de Melo (IFRN-UFRN/PPgEL)

**RESUMO**

O ano de 1996, para a Linguística, foi marcado pela descoberta de uma série de manuscritos reveladores do fato de que o linguista F. de Saussure escreveu muito e sobre assuntos os mais variados. De um universo de aproximadamente 50 mil folhas manuscritas, vieram a público, na França, em 2002, a obra *Écrits de Linguistique Générale (ELG)* e, na Suíça, em 2011, o título *Science du langage; De la double essence du langage*. O linguista italiano De Mauro (2013) coloca em evidência quatro categorias terminológicas presentes nestas compilações que não aparecem, de modo explícito, no *Curso de Linguística Geral*. Sejam eles: 1. quaternion; 2. parallélie; 3. synonymie e synonyme; e 4. intégration ou postmédiation-réflexion. Destes, um em particular é objeto de nossa atenção: a “sinonímia”. Buscamos refletir quais razões e de que maneira os “fatos de sinonímia” interessam ao linguista genebrino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Manuscritos saussureanos. Fatos de sinonímia. Negatividade.

**ABSTRACT**

In the year of 1996 was marked to Linguistic by the discovery of series of indicative writings about the fact that the linguist F. de Saussure wrote a lot about the most variable issues. From a universe of nearly 50th thousand manuscript sheets come up to public, in 2002 France, the work *Écrits de Linguistique Générale (ELG)* and, in Switzerland, in 2011, the title *Science du langage; De la double essence du langage*. The Italian linguist, De Mauro (2013), put in evidence four terminological categories occurring in those collections that do not appear, in an explicit mode, in *Course in General Linguistics*. They are 1. quaternion; 2. parallélie; 3. synonymie e synonyme; e 4. intégration ou postmédiation-réflexion. Of these, one, in particular, is the object of our attention: the “synonymy”. We research to reflect what reasons and in what way the “synonymy facts” interest to the Genevan linguist.

**KEYWORDS:** Saussurean’s manuscript. Synonymy facts. Negativity.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O ano de 1996, para a Linguística, e especialmente para aqueles cujo interesse são as ideias de F. de Saussure, foi marcado pela descoberta de uma série de manuscritos reveladores do fato de que o linguista genebrino escreveu muito e sobre assuntos os mais variados. Foi do universo de aproximadamente 50 mil folhas manuscritas guardadas na Biblioteca de Genebra, na Suíça, que veio a público, em 2002, na França, a obra *Écrits de Linguistique Générale (ELG)*. Em torno de 300 folhas, os *ELG* elegem e procuram oferecer ao leitor um número considerável de notas manuscriturais que reúne textos encontrados em um envelope específico – dentre diversos – etiquetado com o nome “Ciência da Linguagem”<sup>1</sup>. Já no ano de 2011, sob os auspícios do *Cercle Ferdinand de Saussure*, Amacker (SAUSSURE, 2011) publicou um título especial, *Ferdinand de Saussure; Science du langage; De la double essence du langage (SD)*, apresentando ao público uma edição constituída

---

<sup>1</sup> Como afirma Amacker, no prefácio de sua edição (Cf. SAUSSURE, 2011).

dos manuscritos presentes nos *ELG* e de outros documentos manuscriturais arquivados na Biblioteca de Genebra na seção *Arch. de Saussure 372* (Arquivos de Saussure 372). Destas obras, *ELG* e *SD*, apenas os *Écrits de Linguistique Générale* foram traduzidos e publicados, no Brasil, no ano de 2004.

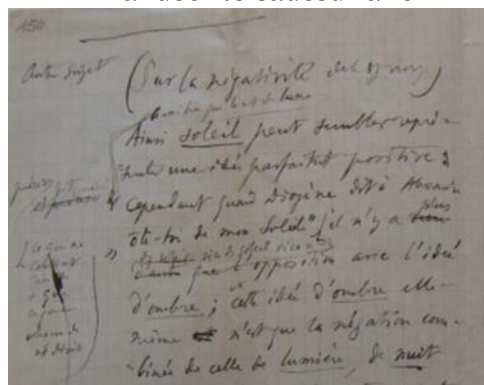
De Mauro (2013), linguista italiano, de reconhecido destaque no campo da historiografia linguística, conhecedor dos manuscritos de Ferdinand de Saussure e estudioso de sua obra, destaca quatro conceitos ou categorias terminológicas presentes nos manuscritos que compõem os *ELG* e o *SD* que não aparecem, pelo menos de maneira explícita, no *Curso de Linguística Geral (CLG)*. São eles: 1. quaternion; 2. parallélie; 3. synonymie e synonyme; e 4. intégration ou postmédiation-réflexion. Destes conceitos, um em particular é objeto de nossa atenção, qual seja, a “sinonímia”. Buscamos refletir quais razões e de que maneira os “fatos de sinonímia” interessam ao linguista F. de Saussure. Veremos, nos manuscritos, um engajamento do linguista genebrino no que concerne aos fatos de sinonímia e acompanhar sua reflexão é um exercício historiográfico que nos permite contemplar a presença de termos bastante difundidos no *CLG*, a exemplo de *negatividade e oposição*. Para acompanhar o olhar saussuriano sobre a sinonímia, tomaremos como fonte básica de estudos o título de Bouquet & Engler (SAUSSURE, 2004), na versão brasileira, ainda que façamos considerações no que respeita ao estabelecimento organizacional dos manuscritos nos *ELG* e no *SD*. Isto parece ser importante por nos permitir olhar com atenção para a especificidade constitutiva da entrada dos manuscritos nas referidas obras.

### 1 Estabelecimento dos manuscritos saussurianos: outra face apócrifa

Nos *ELG*, as discussões sobre os “fatos de sinonímia” parecem concentrar-se, de modo mais explícito, nas sessões assim nomeadas: “Negatividade da sinonímia”, “Questão de sinonímia” e “Da Essência”<sup>2</sup>.

Com Bouquet & Engler e Amacker, sabemos que a *viagem* dos manuscritos saussurianos desde o lugar em que foram encontrados até sua disposição na Biblioteca de Genebra foi desenhada por uma série de fatores cujas marcas requerem dos estudiosos um trabalho de editoração, exposição e estabelecimento dos documentos do *Arch. de Saussure 372 (AdS)*. Como veremos, a publicação dos *ELG* e a publicação do *SD* seguem, cada qual, uma lógica distinta. Comparemo-las, ainda que de modo sucinto e pontual. Elegemos um excerto do manuscrito nomeado “Sobre a negatividade da sinonímia” por estar diretamente ligado ao nosso objeto de estudo.

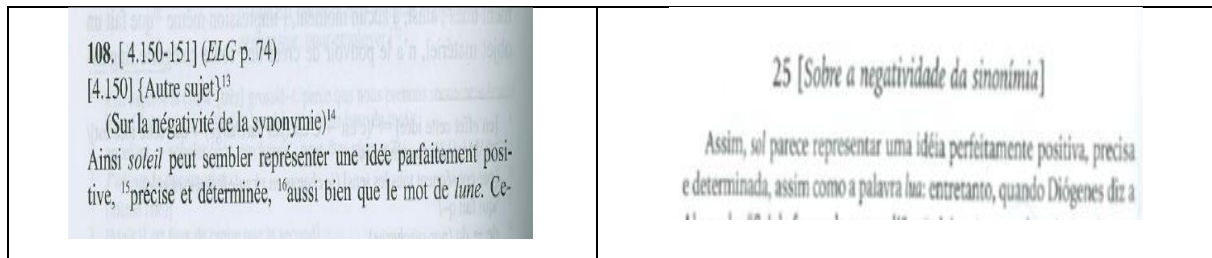
#### Manuscrito saussuriano



**ELG-** Texto estabelecido por Simon Bouquet & Rudolf Engler (SAUSSURE, 2002, p. 74)

**SD-** Texto estabelecido por René Amacker (SAUSSURE, 2011, p. 204)

<sup>2</sup>O fragmento “Sentido próprio e sentido figurado” também pode ser de grande interesse quando se trata de analisar os “fatos de sinonímia”. No entanto, preferimos entrar em discussão mais aprofundada sobre as ideias deste fragmento em outro estudo.



A diferença na organização dos fragmentos é imediatamente observável. O primeiro excerto, de um manuscrito do próprio Saussure, mantém as marcas e os traços particulares e recorrentes ao ato de escrever o que costumamos denominar de “primeira versão” de um texto – rasuras, inserções, substituições, traçados, etc. –, visibilizando-se, nele, uma intensa atividade reflexiva. A numeração no canto esquerdo da página, “150”, consta como não sendo de Saussure<sup>3</sup>. A edição dos *ELG* elegeu certos escritos do *AdS* e enumerou-os sequencialmente de acordo com a entrada na edição; de igual modo, fez Amacker, mas ele procedeu a um estabelecimento dos textos considerando outros parâmetros. Amacker reordena os fragmentos em sequência diferente daquela dos *ELG*. Encontramos, em Bouquet & Engler (SAUSSURE, 2004), a sequência “25 [Sobre a negatividade da sinonímia]”, “26 [Questão de sinonímia (continuação)]” e “27 Da essência”; em Amacker, por sua vez, lemos “Da essência”, “Questão de sinonímia (continuação)” e “Sobre a negatividade da sinonímia”, respectivamente. O número **108** é a enumeração dada por Amacker a essa sequência de entrada dos fragmentos em sua edição. Ainda tocante à mesma sequência, Amacker traz o código 4.150-151, em que temos 4 para a enumeração do “pacote” ou “bloco” de manuscritos no *AdS*, seguido da enumeração – da 150 a 151 – das folhas nas quais se encontram os textos saussurianos nos pacotes (neste caso, o pacote 4) do *AdS*; na sequência, entre parêntesis, Amacker indica em que páginas – da 77 à 80 – o referido fragmento encontra-se na versão francesa dos *ELG*.

Consideramos, em um primeiro tempo, a higienização dos manuscritos saussurianos, haja vista que os editores primaram pelo fator lisibilidade – justificável no que concerne aos objetivos das edições. Amacker, ainda que prime pela lisibilidade, procede a um estabelecimento diferencial quando nos permite ler, em uma espécie de nota de rodapé, certas letras, palavras ou enunciados que não pareciam legíveis no manuscrito original e não estão presentes na edição de Bouquet & Engler. De tal modo, justifica ele sua escolha editorial:

Pode-se objetar que teria sido suficiente para este fim reproduzir o texto crítico estabelecido por Engler. Em resposta, devo dizer que a coisa não seria mais possível, pelo menos, por suas duas razões: em primeiro lugar, a apresentação quase diplomática escolhida pelo bernense [...] não permite, como eu assinali, certas leituras que são problemáticas; palavras que Engler considerou como ilisíveis, pudemos decifrar. A ordem dos fragmentos e adições que figuram em uma página pôde às vezes ser corrigido. (AMACKER, prefácio; In SAUSSURE, 2011, p. 14 – tradução nossa).

De todo modo, uma questão aqui se impõe. O que leva Amacker ao reordenamento dos fragmentos em cuja discursividade se encontram os “fatos de sinonímia”?<sup>4</sup> Possivelmente à “aparência de completude” – começo, meio e fim – e a presença de certos elementos, como “prólogo”, “proposição” e “corolário”, poderiam ser uma boa defesa a este ordenamento:

<sup>3</sup> Como afirma Amacker no prefácio de sua edição (Cf. SAUSSURE, 2011).

<sup>4</sup> Ainda que Amacker tenha conseguido decifrar certas passagens, ele próprio anuncia que seu título se nutre da laboriosa compilação de Bouquet & Engler.

(Prólogo.) “Considerada enquanto que”... “Enquanto que”... Mas, à força de ver que cada elemento da linguagem e da fala é outra coisa conforme os pontos de vista, quase inumeráveis e igualmente legítimos, em que é possível se colocar para considerá-la, chega um momento em que [ ] e em que é preciso passar para a discussão até desses pontos de vista, à classificação racional que fixará o valor respectivo de cada um.

(Proposição nº 5). Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores positivos e absolutos, mas de um conjunto de valores negativos ou de valores relativos que só tem existência pelo fato de sua oposição.

(Corolário à proposição 5). A “sinonímia” de uma palavra é, nela mesma, infinita, ainda que seja definida com relação a uma outra palavra (SAUSSURE, 2004, p. 71).

Estes parágrafos encontram-se logo após o título “Da essência” e há neles todo um engajamento envolvendo os “fatos de sinonímia”, culminado com a entrada em outro “fato de língua”, qual seja, “sentido próprio e sentido figurado”. Surgirá, então, um novo “corolário”, em “Da essência”, antecipado pelas ideias que lhe antecedem:

Uma manifestação flagrante da **ação totalmente negativa dos signos**, sempre na ordem dos fatos de sinonímia, é expressa pelo emprego figurado das palavras (**mesmo que seja impossível, no fundo, distinguir o emprego figurado do emprego direto**). (SAUSSURE, 2004, p.73 - destaques nossos)

**Não há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras** – porque **o sentido das palavras é uma coisa essencialmente negativa**. (SAUSSURE, 2004, p.73 - destaques nossos)

**(Corolário) - Não há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras** (ou: as palavras não têm mais sentido figurado do que sentido próprio): porque **seu sentido é eminentemente negativo**. (SAUSSURE, 2004, p. 74 - destaques nossos).

Em Bouquet & Engler, o fragmento denominado “23 [Sentido próprio e sentido figurado]” se antecipa a todos os quais já citamos: “25 [Sobre a negatividade da sinonímia]”, “26 [Questão de sinonímia (continuação)]” e “27 Da essência”. Não há como justificarmos, de modo contundente, essa sequência nos títulos *ELG* ou *SD*. Talvez tenha sido a forma de dispor as ideias no texto “Da Essência” que tenha levado Amacker a reorganizar a entrada dos manuscritos. Os fragmentos refletem diferentes momentos reflexivos de Saussure, pois há, entre eles (os fragmentos) similitude e repetição de enunciados. Talvez eles sejam o *leitmotiv* para o que se explanará, de modo mais estruturado, em “Da Essência”. Considerando, por exemplo, o início do texto “Sobre a negatividade da sinonímia”, parece ser, ele próprio, continuação de outro, haja vista o linguista começá-lo por um advérbio conclusivo “assim”: “Assim, *sol* parece representar uma ideia perfeitamente positiva, precisa e determinada, assim como a palavra *lua* [...]” (SAUSSURE, 2004, p. 68). Se esse enunciado, provavelmente, justifique o rearranjo de Amacker, não nos oferece garantia sobre em que momento fora escrito, ou porque o escrito esteja tão fragmentado. A postura que se tome mediante tais manuscritos depende do trabalho rigoroso – caso dos *ELG* e *SD* –, das pistas que eles oferecem e, até mesmo, do modo como nos comportamos em relação ao pensamento saussuriano e a seus escritos. A qualquer ordenamento subjaz e sempre o eterno signo da apocrifia; o mesmo signo – sobre outra face, haja vista que os manuscritos, agora, são do próprio Saussure – que envolve a compilação do *CLG*.

Por esta razão, elegemos enfrentar tais manuscritos sobre os “fatos de sinonímia” refletindo acerca das ideias dos fragmentos em seu conjunto, atentando muito mais ao que neles se discute. Justificamos, assim, o fato de podermos deambular pelos textos saussurianos sem estarmos presos à sequência estabelecida nas obras citadas.

## 2 Os “fatos de sinonímia”

Em “Da essência”, encontramos esta passagem que nos parece sobretudo significativa:

O **sinonimista** que se maravilha com todas as coisas que estão contidas em uma palavra como *espírito*, pensa que esses tesouros não poderiam jamais estar contidos aí se não fosse o **fruto da reflexão, da experiência, da filosofia profunda acumulada no fundo de uma língua por gerações que dela se serviram**. Em que sentido ele pode ter razão até um certo ponto, isso eu não examino, porque é, na realidade, em todo caso, o fato secundário. **O fato primeiro e fundamental é que, seja qual for o sistema de signos que se ponha em circulação, estabelecer-se-á, instantaneamente, uma sinonímia**, já que o contrário é impossível e equivaleria a dizer que não se atribui valores opostos a signos opostos. No momento em que lhe é atribuído um, **é inevitável que uma oposição de quaisquer ideias, vinda de surpresa, se acomode num signo, que existe por oposição a um outro, ou em dois ou três signos por oposição a um ou dois outros**, etc. (SAUSSURE, 2004, p. 71-72 – negritos nossos; itálico do autor).

O termo “sinonimista” não está aí por acaso; sabemos que os estudos sobre os fatos de sinonímia, bem o mostra Bisconti (2012), são uma prática metalinguística antiga e constituíram questões extensas e saberes linguísticos aprofundados durante toda a metade do século XIX. Auroux (1985) lembra que a sinonímia foi – e ainda é – objeto de estudo de recolhas de sinônimos, dicionários, estudos de semântica e lexicólogos. Saussure, decerto, bem conhecia esses estudos. As próprias pesquisas etimológicas desenvolvidas por ele recuperam, em certa medida, essa prática metalinguística.

Há, nos *ELG*, uma passagem interessante no que respeita ao campo de discursividade da sinonímia – e de outros para os quais o genebrino era sensível. Saussure a reconhece e a cita através da passagem (há, pelo menos 2 passagens similares nos *ELG*):

(Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, **sinonímia**, retórica, estilística, lexicologia, etc., sendo o todo inseparável), o que implica diretamente quatro termos irreduzíveis e três relações entre esses quatro termos, sendo que as três devem ser, além disso, transportadas pelo pensamento na consciência do sujeito falante (SAUSSURE, 2004, p. 44 – negrito nosso).<sup>5</sup>

Na passagem anterior, ressaltam-se certos pontos, a saber: o “fato primeiro e fundamental”, a “circulação”, e a “oposição” entre os signos.

A defesa é clara: há, na palavra “espírito”, ideias outras não dadas de antemão, posto serem antes fruto da “circulação” (entendemos aqui “circulação social”) da palavra, “fruto da reflexão, da experiência, da filosofia profunda acumulada no fundo de uma língua pelas gerações que dela se serviram” (SAUSSURE, 2004, p. 71-72). Disto segue que as diacronias passadas refletem as sincronias dos usos, da circulação, e querer esgotar todas as ideias encontráveis na palavra “espírito”, imprescindível se faz esgotar outras encontráveis em seus possíveis termos sinonímicos, a exemplo de “alma” e “pensamento”.

A palavra “espírito”, por apresentar, nela mesma, uma diferença com a forma da palavra “alma”, já faz estabelecer uma diferença de sentidos. Não haveria entre estas duas formas

---

<sup>5</sup>No fragmento “Vida da Linguagem”, reconhecemos sequência semelhante: “– Ou SIGNO e IDEIA: mas, neste caso, inversamente, nada de sequência de tempo; necessidade de respeitar unicamente o instante e unicamente o instante: É o domínio da morfologia, da sintaxe, da sinonímia, etc.” (SAUSSURE, 2004, p. 52).

positividade que marcassem essência na ideia que as constitui. O sentido, assim, repousa no puro fato negativo da oposição de valores entre os termos. E como

Não apenas nessas palavras, mas em milhares de outras, é evidente que o sentido repousa no puro fato *negativo* da oposição de valores, visto que o tempo materialmente necessário para conhecer o valor positivo dos signos nos seria, cem mil vezes, insuficiente (SAUSSURE, 2004, p. 71 – itálico do autor).

Saussure persegue a questão da “negatividade” nos três fragmentos (bem como na maioria dos textos dos *ELG*). Recortamos 19 passagens em que ele faz uso da palavra “negatividade” (ou de “sinônimos”) para mostrar o destaque dado pelo linguista a este que parece ser o princípio primeiro: “posição negativa” (p. 69), “escolha negativa” (p.69), “via negativa” (p. 69), “igualmente negativas” (p. 69), “igualmente negativos” (p. 69), “ideia desde o começo negativa” (p. 70), “termos negativos” (p. 70), “categorias negativas” (p. 70), “valores negativos” (p. 71), “barreira negativa” (p. 71), “puro fato negativo” (p. 71), “limitado negativamente” (p.72), “razão negativa” (p. 72), “só pode ser negativa” (p. 72), “ação totalmente negativa” (p. 72), “fato NEGATIVO” (73), “coisa essencialmente negativa” (p. 73), “valores relativos e negativos” (p.73), “puramente negativo” (p. 73). Desconsideramos aqui, para esta recolha, o texto “Sentido próprio e sentido figurado”.

O linguista toma a “negatividade” como um “princípio fundamental da semiologia” (p. 65), ao lado das “diferenças”:

#### 22b [Princípio fundamental da semiologia]

[...]

Não há, na língua, nem *signos*, nem *significações*, mas DIFERENÇAS de signos e DIFERENÇAS de significações; as quais 1º só existem absolutamente, umas através das outras (nos dois sentidos) sendo, portanto, inseparáveis e solidárias; mas 2º não chegam jamais a se corresponder diretamente.

De onde se pode, imediatamente, concluir: que tudo, e nos dois domínios (não separáveis, aliás), é NEGATIVO na língua, repousa sobre uma oposição *complicada*, mas unicamente sobre uma oposição, sem intervenção necessária de nenhuma espécie de dado positivo (SAUSSURE, 2004, p. 65-66).

Este “princípio da negatividade” dos signos e das significações pode ser verificado “a partir das mais elementares substruções da linguagem” (SAUSSURE, 2004, p. 66).

Sob os “fatos de sinonímia”, por sua vez, outro princípio se interpõe como fundamental: nenhuma intervenção de “dado positivo” entre os signos (as ideias, as significações ou empregos) e os objetos materiais ao quais ele possa se referir. A defesa da não positividade vai se alinhando nos manuscritos de modo recorrente, reiterando-se, reiterativamente, direto e indiretamente.

1. Dito de outra maneira: uma palavra não evoca a ideia de um objeto material, não há absolutamente nada que possa precisar seu sentido, a não ser por via negativa. (SAUSSURE, 2004, p. 69)
2. Se essa palavra, ao contrário, se refere a um objeto material, poder-se-ia dizer que a própria essência do objeto é de natureza a dar à palavra uma significação positiva. (SAUSSURE, 2004, p. 69)
3. [...] que o nome do mesmo objeto servirá para muitos outros: a *luz da história*, as *luzes de uma reunião de sábios*. Neste último caso, fica-se persuadido de que um novo sentido (dito figurado) se interpôs: essa convicção parte puramente da suposição tradicional de que a palavra possui uma significação absoluta: é essa presunção que combatemos. (SAUSSURE, 2004, p. 69-70)

4. [...] não há nenhuma razão para esperar que os termos se apliquem completamente, ou mesmo incompletamente, a objetos definidos materiais ou não. (SAUSSURE, 2004, p. 70).
5. [...] em momento nenhum, a impressão que causa um objeto material tem o poder de criar uma única categoria linguística [...]. (SAUSSURE, 2004, p.70)
6. [...] a existência de fatos materiais é, assim como a existência de outra ordem, indiferente à língua. (SAUSSURE, 2004, p. 70)

Em 1, 3 e 4, a concepção de que nenhuma palavra “possui uma significação absoluta” ou positiva, haja vista que ela é dada na relação de oposição com outras palavras; dizendo de outro modo, é dada pela negatividade; em 2, 5 e 6, o fato de que a essência dos objetos materiais é, por sua vez, indiferente à ordem da língua. Porém, talvez não de todo. Esse desprendimento, numa primeira leitura circunscrita ao que se nos apresenta em 2, pareceria revelar sinais de ruptura. Caso o referente fosse um objeto natural, afirma o genebrino, sua essência, positiva – em tangibilidade –, poderia imprimir positividade na palavra que a representa.

O trecho que segue justaposto à passagem em 2, porém, deslinda a margem subjacente da indiferência da dimensão física extralinguística frente ao que à língua lhe diz respeito, margem anunciada mesocliticamente pelo futuro do pretérito: “poder-se-ia”. Assim continua Saussure: “Aqui, não cabe ao linguista explicar que nós só conhecemos um objeto através da ideia que dele fazemos, e através das comparações, legítimas ou falsas, que estabelecemos”<sup>6</sup> (SAUSSURE, 2004, p. 69).

---

<sup>6</sup> Essa ideia, de cunho completamente platônico, aduzida por Saussure, de que só se tem acesso (“só conhecemos”) a realidade extralinguística/o mundo físico/sensível (“um objeto”) por intermédio da língua (cujo plano da expressão se associa, por dupla face, à “ideia que” desses objetos “fazemos”, isto é, a seu plano do conteúdo) é ecoada em outros autores, em cujas abordagens, inclusive, se pode depreender, ainda que sem menção explícita ou intenção consciente, uma planificação na qual se entrevê a dialética saussuriana entre a positividade e a negatividade na língua. A cautela ao se modalizar como “explícita” (ou não) e/ou “consciente” (ou não) a relação que notamos entre autores é, na verdade, pura amenidade estilística, na medida em que partilhamos de afirmações desta sorte: “No meu entender, é muito difícil, na linguística moderna, não dever nada a F. de Saussure” (COSERIU, 1997, p. 33), num estilo mais afeito ao nosso, ou, em tom menos modalizador e mais direto, “Não há um só linguista hoje que não lhe [a Saussure] deva algo” (BENVENISTE, 1995, p. 34). E os trechos desses dois grandes pensadores da linguagem não vêm à toa. É em obra de um deles, na do moldavo Coseriu, que colhemos as similitudes. Encontramos, em seu artigo “La creación metafórica en el lenguaje”, a mui instigante passagem: “Ahora bien, el mismo Cassirer destaca que el lenguaje es una modalidad específica del hombre de tomar contacto con la realidad, *su* realidad, a la que el ser humano <<traduce>>, esto es, clasifica y aclara, designa y expresa, mediante *símbolos*: los símbolos son, por lo tanto, formas cuyo contenido es un conocimiento” (COSERIU, 1977, p. 72). Até aqui, a analogia com a citação “não cabe ao linguista explicar que nós só conhecemos um objeto através da ideia que dele fazemos, e através das comparações, legítimas ou falsas, que estabelecemos” (SAUSSURE, 2004, p. 69) é manifesta e, portanto, dispensa maiores esclarecimentos. Continua Coseriu: “Vale decir que el adjetivo *simbólico* cae bajo un concepto más amplio que es el de *cognoscitivo*, o sea que el lenguaje es esencialmente *actividad cognoscitiva*: una *actividad cognoscitiva que se realiza mediante símbolos* (o *signos simbólicos*). Es forma de conocimiento. Y, esto, no sólo en el momento en que un signo simbólico se produce por primera vez en la historia (momento que implica el reconocimiento de una <<clase>> como tal y su diferenciación, mediante el nombre, de las demás <<clases>> que se distinguen en la realidad), sino en todos sus momentos” (COSERIU, 1977, p. 72). Neste cristalino desenvolvimento (prazenteiro traço do estilo coseriano), após seguir a mesma direção que lemos em Saussure, qual seja, a de negar uma suposta positividade da língua no que tange às expressões que se referem, na dimensão extralinguística, ao que é da ordem material, assentando, em contrapartida, a premissa do símbolo como o único real alcançado e por meio do qual construímos nossa ideia dos objetos sensíveis; feito isso, o intelectual de língua romena faz descrições que refletem satisfatoriamente a organicidade entre positividade e negatividade, o que será discutido na parte que resta do tópico 2 deste artigo e que será apreciado, em diálogo com o *CLG*, na nota de rodapé número 9. Ao Coseriu afirmar que, quando o signo simbólico se produz pela primeira vez, se efetua o reconhecimento de uma classe, temos, diante de nós, um retrato – senão exato, bastante aproximado e preciso – da positividade na única configuração que Saussure advoga como legítima e necessária para a língua (cf. nota 9). Por sua vez, ao falar, ainda nesse contexto da primeira produção histórica do signo simbólico, da diferenciação que sucede desse símbolo das demais classes que se distinguem na realidade, encaramos o painel básico da rede de negatividade/oposições da língua assumido pelo linguista suíço. De modo a atingir um escopo mais fiel na arquitetura saussuriana, devemos entender a diferenciação do símbolo das demais classes em termos de relações contrastivas 1<sup>o</sup>) entre os significantes, 2<sup>o</sup> entre os

Desfaz-se a abertura por reversão bíblica: agora é a carne que se fez verbo divino, e habitou entre nós. Fecha-se a greta do positivo: o material volta a estampar a indiferença face ao linguístico. Em transparência platônica: a essência do objeto é inatingível (positiva, negativa ou de qual polo seja); a ela – seja qual e como for – só se chegaria através da linguagem; mas já sabemos sob quais princípios a linguagem opera; recai-se, enfim, no negativo e, por suas associações (sinonímicas, dentre elas), voltamos(-nos), uma vez mais, ao jogo da linguagem.

Embora a positividade seja algo a ser combatido, quer na sua relação entre os signos, entre os signos e as ideais ou entre os signos e os objetos materiais, para pensar cientificamente na estrutura e no funcionamento da língua, Saussure não negligencia um fator operatório no “imaginário” do linguista e no seio da própria Linguística. Assim, ele afirma:

Como não há na língua *unidade* alguma **positiva** (de qualquer ordem e de qualquer natureza que se imagine) que repouse sobre alguma coisa além de *diferenças*, na realidade, a unidade é sempre imaginária, só a diferença existe. Entretanto, somos forçados a proceder com a ajuda de unidades positivas, sob pena de ser, desde o início, incapazes de dominar a massa dos fatos (SAUSSURE, 2011, p. 163 - palavra em negrito inserida por Amacker em sua edição)<sup>7</sup>.

Passagem curiosa, tanto mais seguida da advertência de que, nós, linguistas, “somos forçados, a proceder com a ajuda de unidades positivas, sob pena de ser, desde o início, incapazes de dominar a massa dos fatos” (SAUSSURE, 2004, p 76)

Mas é essencial lembrar que essas unidades são um expediente inevitável de nosso **[espírito]**, e nada mais: *assim que se coloca uma unidade*, isso equivale que é conveniente deixar de lado **[seu caráter essencial]** para atribuir momentaneamente uma existência separada a **[parallélie]** (SAUSSURE, 2011, p. 163) - palavra em negrito inserida por Amacker em sua edição).

À primeira leitura, um pouco de luz: há algo de positivo na língua, asserto já bem acentuado, seja no *CLG*, seja nos *ELG*, seja nas leituras de especialistas das referidas obras. É a relação – “necessária”, “contingente”, “fortuita” – entre o significado e o significante, os signos e o que está fora da língua. Ao falante da língua, esta relação imaginária é fundamental; ao linguista, é necessário saber que a língua toca o exterior, de uma maneira específica: “obliquamente” (SAUSSURE, 2004, p. 69). Se é possível falar em “identidade” e “positividade”, é necessário e “é essencial lembrar que essas unidades são um expediente inevitável de nosso espírito” (SAUSSURE, 2004, p.163).

Ajuntamos, neste momento, o brilhantismo que se espraia em uma notação de Milner (2002), ao discorrer sobre a relação de “associação” entre os signos e a natureza desta relação:

Este signo só tem propriedade pelas relações de diferença que seu significante mantém com todos os outros significantes da língua – e seu significado, com todos os outros significados da língua. A relação de associação interna em um signo dado requer a relação, ou melhor, as relações dos signos entre eles. Dito de

---

significados e, também, ainda que numa dialética mais complexa e apenas em alguma medida, 3º entre os próprios signos. Ao final, Coseriu anuncia que esses processos de reconhecimento (que associamos à positividade no único contorno reclamado por Saussure para a língua) e de diferenciação (que vinculamos à negatividade saussuriana) são estendidos, de um momento de formação, para “todos seus momentos”, isto é, para seu processo dinâmico na sequência de sincronias que conformam a esteira diacrônica.

<sup>7</sup> Decidimos citar a passagem diretamente do *SD*, pelo fato de Amacker ter decifrado certas palavras que não encontramos na edição de Bouquet & Engler.



outro modo, a relação do signo consigo mesmo é de igual natureza que a relação do signo com os outros signos. O interno está cruzado pelo externo<sup>8</sup>. Ao final do trajeto, sem dúvida, existe bem um signo dado. Enquanto sua combinação particular se encontra estabilizada, ela tem sua positividade própria embora esta estabilidade e essa positividade dependam de processos nos quais só operam diferenças e negatividades (MILNER, 2002, p. 35- tradução nossa)<sup>9</sup>.

É assim, deste ponto de vista que podemos falar de “sinonímia”, deste instante imaginário e fugaz (contabilizando ainda o fator circulação e uso), no qual ela teria certa instabilidade e positividade próprias “embora esta estabilidade e essa positividade dependam de processos nos quais só operam diferenças e negatividades”. (MILNER, 2002, p. 35 - tradução nossa)

Necessário se faz, sem embargo, defender que é da posição de linguista em constante exame e atenção aos processos relacionais, à sua metalinguagem, metadiscursividade, ou metaenunciação, que nossa reflexão se estabelece, e não do posto do falante comum, cujo efeito de positividade impera. Também a positividade, ainda que imaginária, é o que espera, na qualidade de utente, o linguista.

Por assim dizer, o linguista, ao propor qualquer discursividade sobre os “fatos de sinonímia”, não deve perder de vista as “regras obrigatórias gerais que pesam sobre o método linguístico” (MILNER, 2002, p. 35 – tradução nossa).

### 3 A clareza dos exemplos

Nesta parte do texto, buscamos os “fatos de sinonímia” a partir dos exemplos demonstrados por Saussure. Refletir sobre o pensamento saussuriano, não é, bem o sabemos, uma tarefa fácil. Milner não nos deixa esquecer um fato essencial quando se trata de Saussure:

Saussure é um autor límpido, mas sua limpidez desorienta. A isto se junta a aculturação do que lhe beneficiou; seu preço é a aparência da trivialidade: o leitor costuma acreditar que se encontra com algo muito conhecido. Ora, há pouca trivialidade em Saussure<sup>10</sup> (MILNER, 2002, p. 17-18- tradução nossa).

Também Amacker (1995, p. 8 – tradução nossa) acentua o fato de que o próprio Saussure “se engajou em um campo epistemológico que está escondido sob seus pés”.

---

<sup>8</sup> Trazemos, de propósito, nesta e na nota que segue, a voz do Saussure canônico, do *Curso*, como contraponto ao e que vai ao encontro do que dele se diz. Sobre esse cruzamento do externo com o interno discutido por Milner, Saussure (SAUSSURE, 2012, p. 140) atesta: “Aplicado à unidade, o princípio de diferenciação pode ser assim formulado: *os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade*” (grifo do autor).

<sup>9</sup> Essa conjunção entre positividade e negatividade, explicitamente patente no *Curso* (SAUSSURE, 2012, 167-168, *passim*), opera-se quando – para retomar uma expressão que intitula o quarto subitem do capítulo “O valor linguístico” do *CLG* – é “o signo considerado na sua totalidade”. Só nessa apreensão do todo é que se alcança conceber o positivo: o terreno *signico* em que se esteia o ofício da linguística, empírico conceitual que compreende o significado e o significante em combinação e que, ele mesmo, se faz em combinação com o que à língua lhe é externo: “Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças” (SAUSSURE, 2012, p. 168). Ao fim e ao cabo, toda essa rede de relações examinada por Milner na citação acima, bem como por nós nestas notas e no corpo deste trabalho, são repercussões da proposição – com a qual, aliás, Saussure, dá cabo desse capítulo sobre o valor linguístico – de que “*a língua é uma forma e não uma substância*” (SAUSSURE, 2012, p. 170).

<sup>10</sup> Essa pouca trivialidade que Milner tão argutamente reconhece em Saussure certamente deriva, em grande parte, da franca lucidez que, por sua vez, tinha o linguista suíço a respeito da pouca trivialidade existente na língua: “Mas sendo a língua o que é, de qualquer lado que a abordemos, não lhe encontraremos nada de simples; em toda parte e sempre, esse mesmo equilíbrio de termos complexos que se condicionam reciprocamente” (SAUSSURE, 2012, p. 169, 170).

Sob esta via paradoxal, da limpidez que desorienta, Saussure nos oferece algumas demonstrações. Um dos exemplos explorados por ele, como consta no parágrafo seguinte, não poderia ser mais “claro”:

Assim, *sol* parece representar uma ideia perfeitamente positiva, precisa e determinada, assim como a palavra *lua*: entretanto quando Diógenes diz a Alexandre “Sai da frente do meu sol”, não há mais, em *sol*, nada de *sol* a não ser a oposição com a ideia de *sombra*; e a própria ideia de *sombra* é apenas a negação combinada da ideia de *luz*, de *noite fechada*, de *penumbra*, etc., acrescentada à negação da coisa combinada com relação ao espaço obscurecido, etc. (SAUSSURE, 2004, p.68 – itálicos do autor).

O argumento é a negação de qualquer ideia positiva, seja no interno semiológico seja da relação entre ele e o externo, os objetos materiais, que ele possa “representar”. Pois bem, se a palavra “sol” não está, em essência, ligada a um objeto material, tampouco estaria ligada, positivamente, a ideias como “luz” e “clareza”. Com Milner, damos vigor a uma leitura forte, tomando-lhe emprestado o enunciado: “o raciocínio conduz quase inevitavelmente a um lema oculto: não há sinônimos; toda diferença no significante induz a uma diferença no significado” (MILNER, 2002, p. 29 – tradução nossa). A repetição do que anuncia Milner pulsa em nossa mente, advinda de aulas de linguística ou de manuais de semântica: “não há sinônimos perfeitos”. Quando perguntados porque não há sinônimos perfeitos, respondemos de modo altivo: porque nenhuma palavra compõe o campo semântico de outra. Parece simples; e verdadeiramente parece ser. Mas a questão é saber porque, em essência, é assim. É a isto que Saussure busca responder, mas não de forma trivial.

Então, voltando ao “sol de Diógenes”, é necessário considerar o alcance da reflexão saussuriana. Tentemos:

1. “sol” – tal qual ocorre com outros signos, a exemplo de “ar”, “água”, “árvore”, “mulher”, luz”<sup>11</sup> e “lua” – não se liga, positivamente, a elementos materiais. Aqui a questão da arbitrariedade do signo em si com o externo à língua quer se agigantar, ainda que de modo silencioso.
2. “sol” está ligado à ideia de “sombra” – todavia, “sombra” já é, por sua vez, “negação combinada” da ideia que há em “luz”; e, mais uma vez, todavia, “luz” é, também, “uma negação combinada” da ideia de “noite fechada”, “penumbra”, “espaço obscurecido”; “sombra” não se liga positivamente, também, à “noite fechada”, “penumbra” – o efeito da não positividade, da diferença de significantes promovendo diferenças nas ideias. Em que ponto exato tomamos “sombra” como sinônimo de “penumbra”? Nossa demanda aqui se faz sob o efeito de um volteio puramente retórico.

Mais uma vez, o princípio da harmonia semiológica: tudo está “a serviço da formidável máquina de suas categorias negativas, verdadeiramente desembaraçadas de todo fato concreto e, por isso mesmo, imediatamente prontas a armazenar uma ideia qualquer que venha se juntar às precedentes” (SAUSSURE, 2004, p. 65). Neste ponto, “a sinonímia de uma palavra é, nela mesma, infinita, ainda que seja definida em relação a uma outra palavra” (SAUSSURE, 2004, p. 71). Eis um fato de sinonímia: ainda que imaginável, podemos juntar ideias sobre outras; estabelecer, através de cadeias associativas, ideias, ainda que essencialmente negativas. Nesse compasso, encontramos a teoria do valor saussuriana e suas cadeias associativas:

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valor; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada

---

<sup>11</sup>Exemplos que Saussure utiliza no fragmento “Questão de sinonímia (continuação)”.

uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua (SAUSSURE, 2012, p. 170)<sup>12</sup>.

Os fragmentos saussurianos oferecem uma tela de exemplos; concentremo-nos, neste instante, em uma reflexão de Saussure curiosa. Vejamo-la:

Uma das múltiplas faces sobre as quais se apresenta esse fato é a seguinte: um missionário cristão acredita que deve inculcar, a um povo selvagem, a ideia de *alma* –; acontece que ele tem à sua disposição, no idioma indígena, duas palavras, uma que exprime mais o *sopro*, por exemplo, e outra mais a *respiração*; – de imediato, se ele está totalmente familiarizado com o idioma indígena e ainda que a ideia a introduzir seja algo totalmente desconhecido para [ ], – a simples oposição das duas palavras, “sopro” e “respiração”, dita imperiosamente, por alguma razão secreta, sob qual das duas colocar a nova ideia de alma, a tal ponto que, caso ele escolha, inabilmente, o primeiro termo em vez do outro, pode resultar daí os mais sérios inconvenientes para o sucesso do seu apostolado – ora, essa razão secreta só pode ser uma razão negativa, já que a ideia positiva de *alma* escaparia totalmente, de antemão, à inteligência e ao sentido do povo em questão. (SAUSSURE, 2004, p.72)

Se, para um povo, é possível estabelecer uma relação sinonímica qualquer entre as palavras “alma”, “sopro” e “respiração”, elas podem não manter uma relação sinonímica satisfatória em outro idioma, como Saussure bem o mostra no exemplo sobre a comunidade indígena. De igual modo, não se pode fazer tábula rasa de qualquer ideia contida em qualquer termo da língua, pois “nenhum signo é, portanto, limitado no total de ideias positivas que ele é, no mesmo momento, chamado a concentrar em si mesmo” (SAUSSURE, 2004, p. 72).

Saussure avança em várias direções em seu tratamento sobre os fatos de sinonímia. Uma delas é aquela cujo fim é o pensamento que envolve o “sentido próprio e o sentido figurado”

O sentido figurado, para nós, seria a menção conotativa, ou, de modo geral, a manifestação de um dito marcada pela metáfora. Assim, nos enunciados, “a lua aparece”, “a lua cresce”, “a lua decresce”, “a lua se renova”, “as luzes de uma reunião de sábios”, “a luz da história”,

[...] nós negamos, na realidade, que eles sejam figurados, porque nós negamos que uma palavra tenha uma significação positiva. Toda espécie de emprego que não caia no raio de ação de uma palavra não é apenas parte integrante, mas é também parte constitutiva do sentido dessa palavra, e essa palavra não tem, na realidade, outro sentido além da soma dos sentidos não reclamados” (SAUSSURE, 2004, p. 74).

Saussure nos oferece um exemplário que pode ser explorado sob vários horizontes, mas todos eles reiterando-se sob a faceta primordial da língua: o “fato, puramente negativo, da oposição com as palavras comparáveis, é também o único que gera a precisão dos empregos ‘figurados’” (SAUSSURE, 2004, p. 74).

### **De um (não) tempo de concluir**

Em nossas investigações encontramos escritos fragmentários, contudo, dignos de atenção, haja vista contemplarmos um linguista fiel aos conceitos e reflexões com os quais nos deparamos no famoso *Curso de Linguística Geral*. Por mais fragmentários e pequenos que sejam os manuscritos

---

<sup>12</sup> Não pretendemos estabelecer intensamente comparações com as ideias conhecidas do *CLG*. Por outro lado, não nos furtamos a expor no texto certas passagens do *Curso* que nos parecem relevantes à nossa reflexão.

não remontamos todas as etapas, tampouco exploramos todos os exemplos, na tentativa de reconstruir uma discursividade sobre os “fatos de sinonímia”. Deparamo-nos a todo instante com as bases semiológicas do constructo saussuriano.

Para acompanhar o interesse de Saussure pelos fatos de sinonímia, foi necessário assumir os limites de nossa investigação, pois sabemos que seria necessário recorrer a outros fragmentos dispostos nos manuscritos ou nos *AdS*. Todavia, as “notas manuscriturais” eleitas, nas quais o mestre genebrino discute o “mecanismo da sinonímia”, ilustra bem a solidariedade semiótica (BISCONTI, 2012).

Ao final de nosso exercício reflexivo, percebemos que a leitura de qualquer fragmento parece caminhar e reencaminhar pelas fendas já abertas na historiografia linguística, na qual se destacam as obras críticas e filológicas de Godel (SAUSSURE, 1969) e Engler (SAUSSURE, 1968; 1974). Em tais obras, são conhecidos textos do próprio Saussure e cadernos de alunos cujas ideias não foram incluídas ou foram “editadas” quando da publicação do *CLG*, em 1913. Tais edições críticas problematizam as ideias e a própria organização do *CLG*. Um bom exemplo disto é a posição assumida por De Mauro, quando nos oferece uma edição crítica do *CLG*, cujas notas (305 no total) recenseiam as principais ideias expostas no *CLG*.

De Mauro afirma que os trabalhos de Godel representam uma confirmação analítica e “revelam que os primeiros editores do Curso utilizaram esses materiais apenas em parte e nem sempre de maneira apropriada (DE MAURO, 2013, p. 32). Bouquet & Engler e Amacker também enfrentam o efeito da apocrifia no estabelecimento dos manuscritos. Observamos este fato quando comparamos o estabelecimento dos manuscritos sobre os fatos de sinonímia em suas edições.

Em (não) tempo de concluir nossas investigações, sempre achamos necessário (re)anunciar – para que não esqueçamos, dado o deslumbramento causado pelos textos originais de F. de Saussure – a defesa milneriana: o *CLG* é a obra fundamental da Linguística; “linguistas especializados ou não, aqueles a quem a língua interessa não podem pensar que o *Curso* nunca tenha sido publicado (MILNER, 2002, p. 39 – tradução nossa; itálico do autor).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMACKER, René, «Saussure ‘héraclitéen’: épistémologie constructiviste et réflexivité de la théorie linguistique », *Linx* [En ligne], 7 | 1995, mis en ligne le 12 juillet 2012, consulté le 27 juillet 2017. URL : <http://linx.revues.org/1122> ; DOI : 10.4000/linx.1122
- AUROUX, S. «Deux hypothèses sur les sources de la conception saussurienne de la valeur linguistique ». *Travaux de linguistique et de littérature*, XXIII-1, 295-299. (1985).
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- BISCONTI, Valentina. “La synonymie dans la seconde moitié du XIXe siècle: description, pédagogie et théorisation”. Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF 2012. [http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2012/01/shsconf\\_cmlf12\\_000281.pdf](http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2012/01/shsconf_cmlf12_000281.pdf)
- COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística*. Madrid: Gredos, 1977.
- COSERIU, Eugenio. “O meu Saussure”. In: *Confluencia*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, nº 14, 2º semestre de 1997, p. 33-6.

- DE MAURO, Tulio. *Édition critique du 'Cours de linguistique générale' de F. de Saussure*. Paris: Payot, 1972.
- DE MAURO, Tulio. "Introduction" (Traduction de la préface à l'édition italienne De l'essence double, texte révisé). De l'essence double du langage et le renouveau du saussurisme. University of Bergen: Department of Foreign Languages. *Arena Romanistica*, Journal of Romance Studies, 2013, n.12.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Librairie Droz, 1969.
- LIMA, Maria Hozanete Alves de. No (per)curso de Ferdinand de Saussure a hetero-dimensão é fundante. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 2012, v. 54, n. 2, pp .265-87.
- MILNER, Jean-Claude. *Le périple structural*. Paris: Seuil, 2002.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Science du langage. De la double essence du langage*. Édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker, 2011.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Éditions Gallimard, 2002.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 2) Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1) Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.